

// Matéria e antimatéria (*)
~ linguagem, leite, capital ~

// Matter and antimatter ()*
~ language, milk, capital ~

Cecilia Cavalieri

 0000-0001-8705-7576
ceciliacavalieri@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca cruzar as noções de língua e de linguagem performadas pela substância leite diante de uma metafísica ocidental que não parece se sustentar, aproximando essas ideias do conceito de símbolo e de capital. Benveniste, Saussure e Donna Haraway nos ajudam no caminho de pensar leite, linguagem e capitalismo ao longo da história, testando os limites taxonômicos das excepcionalidades humana, mamífera e linguística. É um trabalho sobre a afirmação política de leite enquanto linguagem, uma apropriação feminista do que poderia ser o conceito de linguagem e uma transformação desse conceito por meio de outro olhar sobre sua dinâmica físico-química por meio de uma experimentação teórico-doméstica.

Palavras-chave

Linguagem. Leite. Contrafilosofia. Mamíferes. Capital.

Abstract

This paper seeks to cross the notions of language and tongue performed by the substance milk in the face of a Western metaphysics that does not seem to sustain itself, bringing these ideas closer to the concept of symbol and capital. Benveniste, Saussure and Donna Haraway, help us on the path of thinking milk, language and capitalism throughout history, testing the taxonomic limits of human, mammalian and linguistic exceptionalities. It is a work about the political affirmation of milk as language, a feminist appropriation of what the concept of language could be, and a transformation of this concept through another look at its physical-chemical dynamics through a theoretical-domestic experimentation.

Keywords

Language. Milk. Counterphilosophy. Mammals. Capital.

Language is no longer an echo of the *verbum dei*, but a technical construct working on principles of internally generated difference.

Donna Haraway (1990)



O leite é sua relação mililítrica com o mundo, é sua primeira língua, é a língua-mãe, a língua materna. A primeira observação de meu pequeno laboratório doméstico, o seio vazando leite, me mostra que a primeira condição da comunicação daquela que nasce é radicalmente imanente: líquida, leitosa, gordurosa, doce, aguda. A substância que escorre desse laboratório-teta é cientificamente denominada leite materno e contém em sua formulação os ingredientes necessários para que aquela que o recebe se desenvolva plena, satisfeita, saudável, gorda, feliz e ligeiramente embriagada. O que acontece nessa dinâmica, do leite que brota de um corpo e se contempla fisicamente em outro corpo, menor e aparentemente passivo, é uma comunicação fina, singular, técnica, precisa e, de novo, radicalmente imanente.

Me explico: leite é o produto de uma troca informacional entre a saliva de alguém e as glândulas mamárias de outro alguém. Seu veículo são língua e mamilo. Leite é um líquido fisiológico secretado da mama de alguém dentro da boca de outro alguém que, em geral, acaba de nascer. Esses alguém são mamíferos, ou melhor, mamíferes. Leite é majoritariamente coisa mamífera, mas não uma exclusividade. Algumas aranhas, peixes, aves [pinguim, pombos...], formigas, nematoides, tubarões e até baratas também secretam uma substância leitosa que está a serviço do crescimento e desenvolvimento de seus filhotes, ou seja, lactação e cuidados estão implicitamente ligados tanto no mundo dos humanos quanto no dos mais-que-humanos e mais-que-mamíferos.

Isso posto e ao contrário do que querem crer os dicionários ou mesmo o imaginário da maior parte dos humanos, o leite não é apenas produzido por fêmeas. Corpos designados como masculinos ao nascer também podem vir a produzir leite em determinadas circunstâncias [sob estímulos físicos (bombas de ordenha) ou químicos (administração de medicamentos estimuladores de prolactina, o hormônio responsável pela produção do leite)]. Mulheres que não passaram pelo processo de gestação e que não estão lactando também podem secretar leite espontaneamente [a esses fenômenos dá-se o nome de galactorreia, e sua causa mais comum é quando um tumor secreta prolactina na glândula pituitária, a hipófise, que controla todas as glândulas secretoras dos corpos] ou também via estímulos físico-químicos proporcionados pelas maravilhas da

tecnologia – Donna Haraway disse que posso considerar a Medela¹ Swing uma espécie companheira (no sentido de que, apesar de aparentar ser apenas uma bomba extratora de leite humano, uma bomba de ordenha, a Medela é também esse ciborgue harawayano, uma criatura que dilui as fronteiras entre máquina e organismo vivo, entre realidade e ficção, ao qual eu estaria me aparentando ao estabelecer uma relação de cumplicidade com ela para alimentar outros seres humanos além de minha própria filha; de acordo com Haraway, a importância da espécie companheira é justo essa, a do parentesco, como antídoto à expressão “espécie de companhia” para designar animais domésticos que se prestavam a fazer companhia a pessoas humanas). Há ainda o curioso e mágico fenômeno chamado galactorreia neonatal, quando o recém-nascido de qualquer sexo nasce com os mamilos inchados e secretando leite mais comum ou popularmente conhecido como leite da bruxa. Isso se deve aos altos níveis de prolactina que são, por vezes, passados para o bebê ainda no ventre e tende a cessar nos primeiros meses de vida do infante. O leite da bruxa leva esse simpaticíssimo nome pois em algumas mitologias medievais a secreção leitosa saída dos mamilos dos recém-nascidos era alimento dos espíritos familiares das bruxas.

A produção de leite nas glândulas mamárias pode se dar independentemente de gênero ou sexo, ou seja, o leite pode ser produzido por corpos de homens cis e trans, de mulheres cis e trans ou mesmo intersexo e não binários; corpos humanos em geral são plenamente capazes de produzir leite, também os corpos com tetas de toda cadeia mamífera. Hoje já existem experiências bem-sucedidas de mulheres trans que conseguiram alimentar seus bebês exclusivamente por amamentar; amamentar por um determinado período de tempo tendo passado pelos processos de estímulos físico-químicos aqui já mencionados [em 2018, nos Estados Unidos, a literatura médica registrou o primeiro caso de mulher trans que conseguiu amamentar seu bebê exclusivamente com leite materno por seis semanas; trata-se de estudo conduzido pelas médicas e pesquisadoras

¹ Medela é uma das marcas de bombas de ordenha mais utilizadas no mundo por lactantes a fim de tanto estimular o seio a produzir mais leite quanto o armazenar. O modelo Swing consiste em uma máquina que, ligada na tomada e acoplada a um ou a dois seios ao mesmo tempo, durante cinco minutos produz estímulos nos mamilos e, em seguida, inicia o processo de ordenha.

especialistas em saúde transgênera Tamar Reisman e Zil Goldstein (2017) no Mount Sinai Hospital, em Nova York]; já é comum ver homens trans que mantiveram suas glândulas mamárias alimentando suas crias no peito [em inglês essa prática é chamada de *chestfeeding*, uma alusão ao peito sem seio, ao contrário de *breastfeeding*, muito mais ligado ao seio materno feminizado]. No entanto o leite só cumpre sua função nutricional e só chega à plenitude de sua missão comunicacional, só alcança um de seus caracteres mágicos no diálogo e na interação com o corpo de um filhote, aquele que envia uma mensagem pela saliva.



O leite produzido nesse encontro entre lactante (quem secreta) e lactente (quem absorve) é um composto complexo, um combinado de água, gorduras, açúcares, proteínas e sais minerais cuja composição inexacta é ajustada sob medida, sob demanda do lactente, da boca de quem mama, ou seja, *leite é comunicação*. Conforme esse rebento cresce e se desenvolve essas glândulas mamárias produzem nutrientes sob medida. O colostro, por exemplo, é o primeiro leite, um fluido produzido especialmente para as primeiras horas de vida do bebê, as *golden hours*, desde quando ele sai de dentro do corpo que o nutria.² Conforme o filhote vai amadurecendo, o leite também vai. E é nesse balanço da vida que o leite, vivo por excelência, vai se transformando composicionalmente. Há épocas em que as crias demandam mais uma ou outra substância, as glândulas mamárias ajustam e as enviam sob medida, uma comunicação perfeitamente calibrada, falada nos códigos mágicos dessa língua láctea. As demandas nutricionais também são específicas do sexo do filhote. Estudos feitos com primatas, vacas, mulheres, marsupiais e cervas comprovam que a composição do leite é diferente quando se trata de um bebê nascido macho ou fêmea, o que significa que há também demandas sexo-específicas para formar plenamente um corpo com designação biológica *masculina* ou *feminina*, como se o leite produzisse estratégias nutricionais diferentes a fim de otimizar crescimento e desenvolvimento do filhote a partir do sexo. Apesar de o estudo não contemplar mamíferos intersexo, ele dá a entender que mesmo esses bebês de intersexualidade constitutiva também teriam suas especificidades contempladas pela organização nutricional do leite.

² O leite difere, em quantidade e dosagem dos seus componentes, conforme os dias de vida do neonato. O leite materno passa pelas fases do primeiro leite, chamado de colostro, o leite de transição e, posteriormente, o leite maduro. Todos são importantes e se encontram na medida e essência exatas para sustentar a criança. O colostro é o primeiro leite com o qual o recém-nascido tem contato, quando realiza a sucção nas mamas da nutriz. É um líquido amarelado, viscoso, que se encontra nos alvéolos das mamas desde o último trimestre da gestação, até os primeiros dias do pós-parto (...). O colostro é a primeira fase do leite materno. Em seguida, apresenta-se o leite de transição e, posteriormente, o leite maduro. Ele é muito relevante, pois inicia a formulação do sistema imunológico e confere fatores de crescimento e de proteção para os recém-nascidos. Trata-se, então, da fonte de imunidade passiva alcançada pela mãe e transferida para o bebê (Santos et al., 2017).

Observações experimentais e clínicas limitadas de que a composição materna de MH muda, dependendo do sexo masculino ou feminino, apoiam esta hipótese. Entretanto, essas diferenças relatadas na composição de MH específicas de sexo requerem validação e esclarecimento em coortes humanas adicionais. Esses estudos devem ter como objetivo descrever diferenças específicas de sexo na composição de MH ao longo da lactação e correlacionar diferenças com a especificidade de sexo dos resultados infantis, incluindo trajetórias de crescimento específicas de sexo e risco de morbidade específica de sexo.

Por exemplo, quando o bebê está doente ele manda informações via saliva para o mamilo que, por conseguinte, os envia às glândulas mamárias para que estas produzam os anticorpos específicos necessários para esse filhote. Ou seja, apesar de não parecer, o lactente não atua de maneira passiva nesse processo de comunicação láctea, ele não apenas abre a boca para receber o leite jorrado, muito pelo contrário, a atividade e a demanda comunicacional são iniciadas pelo filhote. O lactente não é receptor absoluto dessa língua nem a pessoa lactante sua doadora/produtora absoluta, ou seja, pensar o aleitamento como transmissão vertical de lactante para lactente, em uma relação hierárquica, de herança, de cima para baixo, não condiz com a realidade matérica do processo comunicacional lácteo no qual receptor e doador trocam sistematicamente de posição. O leite é um produto desse encontro, e não simplesmente algo transmitido de nutriz a nutrente, e atua nessa dinâmica como agente ativo tanto ou mais do que a nutriz.

Por ser específico, leite não é um produto de uma relação, mas um produzir com: ele é tecido sob medida para o filhote mamífero daquela espécie. Quando falamos da especificidade do leite, falamos que a quantidade de gorduras, açúcares, sais minerais e proteínas presentes nessa substância é regulada pela necessidade, pela demanda e pelo tipo específico [de novo, da espécie] de cada filhote. O leite da baleia, por exemplo, não tem em sua composição os nutrientes necessários para o filhote da onça, nem o leite da cadela contém em sua formulação os nutrientes exatos de que precisa o filhote de leoa-marinha; o leite do morcego Dayak macho não contempla as necessidades nutricionais que demanda uma bezerra. O que não quer dizer que as espécies não possam negociar esse leite entre si. Saliva e glândulas mamárias fazem da boca que se fecha sobre o mamilo um canal vital de nutrição e de imunização. Apesar de ser específico no sentido de ser inerente à espécie, o leite também é multiespecífico em sua composi-

ção, ou seja, ele é composto não apenas pelos principais elementos que mencionei, mas também é veículo de bactérias e vírus: outras espécies podem habitá-lo, tanto no trato lactante-lactente quanto na sua forma supostamente morta fora do corpo e da boca. Leite é a casa de muitos, e até de espíritos – diante da experiência cósmica do aleitamento é inegável que o leite se apresente muito mais como uma entidade, uma entidade que se dá nessa relação, uma entidade-substância viva que comporta vida, gera vida e é espaço vital para extra-humanos microscópicos.



Quando a mulher amamenta o seu bebê ela já está se comunicando com ele. E o bebê que está sendo amamentado está estabelecendo a comunicação com a sua mãe, mas também está desenvolvendo todas as suas estruturas orgânicas, físicas, para se preparar para ser um bom falador (Sudo, 2015).

A partir do momento em que se estrutura essa percepção de que o leite é uma primeira língua, é a maneira mais arcaica que mamíferos e outros-que-mamíferos usam para se comunicar, a maneira como o filhote se comunica para receber anticorpos para suas viroses, nutrientes para cada fase de seu crescimento, enzimas específicas etc., fica evidente que esse leite, esse produzir com, esse produto de uma relação comunitária multiespecífica,³ horizontal e não hierárquica é, talvez mais do que uma língua, toda uma linguagem. Mas a partir do momento em que constato – naquele laboratório científico doméstico, no mergulho dentro da teta cheia de leite que se esvai sobre a boca de minha filha – que leite é tecnicamente uma língua, uma comunicação e uma troca informacional, eu me deparo com um problema ontológico que é a própria definição de linguagem.

Toda a história do pensamento em torno da língua e da linguagem, o objeto por excelência da disciplina da linguística, foi concebida a partir e dentro do contexto da famosa metafísica ocidental que atravessa os séculos diferenciando o homem do animal pela presença de linguagem no primeiro; afinal, linguagem seria uma faculdade considerada ligada de modo umbilical à razão. Ou seja, na história da filosofia ambas (linguagem & razão) foram majoritariamente negadas aos animais, apesar de algumas dissensões que confirmam a regra. Partindo desse lugar é extremamente desafiadora a tarefa de falar de leite como língua sendo que, por princípio, língua e linguagem são conceitos-chave do projeto humanista de mundo conforme sistematizado pela linguística e que excluem outros-que-humanos de suas formulações teóricas. Vejamos a análise de Benveniste sobre a comunicação das abelhas, ao se perguntar se elas não constituiriam, digamos, uma “exceção gloriosa”, um inseto dotado de linguagem a partir das observações do etólogo alemão Karl Ritter von Frisch:

Quando uma abelha batidora descobre durante o seu voo solitário uma fonte de alimento, volta à colmeia para anunciar o seu achado, dançando sobre os alvéolos uma dança especial, vibrante, e descrevendo certas figuras que foi possível analisar, indica assim às outras abelhas, que se apressam atrás dela, a distância e a direção onde se encontra o alimento (Benveniste, 2005, p. 30).

³ Digo multiespecífica pois incorporo, vírus, bactérias e organismos de outras espécies presentes no trânsito lácteo nesse processo.

No melhor estilo “nem todo animal”, Benveniste se aventura, ainda, na afirmação de que não apenas o que separa o homem do animal é a linguagem, mas, especificamente, o símbolo. Afirmação que colapsa justamente com a observação das abelhas. Para Benveniste, porém, as abelhas não são a exceção que confirma a regra da excepcionalidade humana, mas a própria demonstração da regra da excepcionalidade:

De fato, a faculdade simbólica no homem atinge a sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência; todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc., derivam dela e a supõem. Mas a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação”. Assim é a linguagem, uma entidade de dupla face (Benveniste, 2005, p. 30).

“Ora, esse fenômeno humano, a cultura, é um fenômeno inteiramente simbólico”, diz ainda Benveniste. No entanto o mundo viu nascer, em 1963, o campo da zoossemiótica,⁴ por meio do qual muitos etólogos se debruçaram sobre essa questão e desmontaram as teses humanistas em inúmeros experimentos com animais por meio de evidências científicas na segunda metade do século 20. É o caso, por exemplo, da psicóloga animal Francine Patterson, que ensinou uma versão da linguagem de sinais para a gorila Koko, com a qual se comunicou até a morte da gorila, em 2018, método que batizou como “Gorila Sign Language”.

⁴ Zoossemiótica é um campo de investigação introduzido em 1963 por Thomas Albert Sebeok. Esse é o ano em que o termo e uma primeira definição fazem sua primeira aparição, inicialmente como um compromisso entre pesquisa etológica e semiótica (no início, Sebeok estava convencido de que “zoossemiótica” tinha que ser entendida principalmente como um termo guarda-chuva, reunindo diferentes abordagens eruditas da comunicação animal). Uma definição sintética de zoossemiótica, à luz de seus desenvolvimentos mais recentes, pode ser hoje a do estudo da semiose dentro e através das espécies animais.



No final dos anos 1970 e início dos 1980, contudo, vários teóricos, como por exemplo Noam Chomsky, foram reativos à ideia de que animais também teriam linguagem e também operariam no campo da razão. Essa questão continua a ser matéria de polêmica: “linguagem animal” é muito trabalhada dentro de estudos que procuram verificar se os animais têm uma teoria da mente. Frans de Waal (2016), por exemplo, argumenta que há evidências suficientes para provar que existe pensamento animal, mas não linguagem, uma noção que tem por consequência desfazer o laço entre pensamento e linguagem.

O que me espanta, aqui, porém, não é a distinção entre homem e animal pela linguagem e pelo uso da razão performada pela metafísica ocidental, mas sim o caráter imaterial, transcendental e simbólico de tudo aquilo que sustenta a definição de linguagem. A partir dessas observações e do próprio percurso da história não podemos negar que, o que se apresenta como problema ou impasse, é que, na verdade, a questão não está em atestar ou definir que animais têm ou não linguagem, mas que as definições de linguagem construídas no seio da filosofia humanista e ainda gestadas sob esse parâmetro não dão conta de experiência comunicacional outra senão humana. Para justificar que leite é língua eu me debato com as definições que não dão conta de nenhum vivente senão do homem, que não é todo homem, mas sim o sujeito livre e autônomo imaculado em seus sentidos: ele não é cego, ele vê; ele não é surdo, ele ouve. O teor capacitista da definição de língua e de linguagem, aliado ao caráter imaterial que as sedimenta, me faz lembrar de outra “excepcionalidade humana”: o capital. Antes de entrar no capital, entretanto, gostaria de me deter um pouco na ideia de capacitismo linguístico. Há uma enorme batalha de pessoas surdas em busca do reconhecimento da sua existência social também em termos linguísticos. Não à toa a construção da ideia de que a linguagem só se dá em humanos – nem todo humano, mas o humano que vocaliza, enxerga e escuta – nasceu na França. Quando estive em doutorado sanduíche na Paris de 2018/2019, conheci uma amiguinha da escola da minha filha que por pouco não foi proibida de frequentar a escola regular por conta de seu problema auditivo.

Nina, 3 anos, usava um aparelho discreto em ambos os ouvidos, e os pais estavam aliviados com o fato de ela ter entrado na *école maternelle*. O direito de uma criança surda à escolarização “normal” na França é recente e data, pasmem!, de 2005. Em conversa sobre o assunto, minha amiga e filósofa Juliana Fausto

recorda que em tese defendida em 2018 na Unicamp, o professor e pesquisador Leandro Calbente Câmara (2018) traça uma genial historiografia ao mostrar como a humanidade foi recusada aos deficientes auditivos na França ao longo da história. Seu trabalho *A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX*, dá muitas pistas sobre o problema da existência dos surdos, que, não possuindo os atributos físicos necessários para performar a linguagem humana, seriam desprovidos não somente de humanidade, mas também de alma. Discurso que além de capacitista é especista e racista posto que esse tipo de afirmação nos faz lembrar de Heidegger falando que os judeus eram pobres em mundo – como bem nos lembra Eduardo Viveiros de Castro (2010, s.p.), “Heidegger tem essa curiosa definição de que os seres inanimados não têm mundo, os seres animados, mas não humanos, são pobres em mundo e o homem (ocidental) é um ser rico em mundo”, e assim por diante. No caso dos surdos, fica claro que a grande diferença entre o “selvagem” e os “civilizados” é que aquele se mostra “desprovido do dom da fala”, desempenhando apenas funções animais. Se a alma, portanto, é um atributo que antes viria da experiência de Deus, ela passa a ser substituída pela experiência da linguagem, e se, no desenrolar das definições de linguagem gestadas no braço francês da metafísica ocidental, a questão crucial passa a ser a ausência ou a presença do símbolo, como afirmou Benveniste, e se o símbolo é, portanto, a verdadeira excepcionalidade humana para os donos da língua, mesmo que eles não reconheçam como símbolo o gestual e a dança das abelhas para indicar um caminho e um local específico, não constituindo portanto uma operação simbólica [!!!], embora, sim, todas as coisas físicas e metafísicas tenham a capacidade de emitir signos e operar no simbólico, me cabe crer que a verdadeira excepcionalidade humana não é a linguagem dotada de símbolo, mas o que se fez com ele [o símbolo] e a partir dele. A minha hipótese, à qual retorno, é o capital.

Para testar literalmente essa hipótese reescrevi um outro fragmento de *Problemas de linguística geral*, de Benveniste, trocando as seguintes palavras:

Linguística por Capitalismo

Linguagem por Capital

Linguista por Capitalista

Língua por Dinheiro

CAPÍTULO 2

vista d'olhos sobre o desenvolvimento do capitalismo⁽²⁾

I

Durante estes últimos anos, sobrevieram, nos estudos que se fazem sobre o capital e os dinheiros, mudanças consideráveis cujo alcance ultrapassa mesmo o horizonte, no entanto vasto, do capitalismo. Essas mudanças não se compreendem à primeira vista; esquivam-se na sua própria manifestação; com o tempo tornaram muito mais penoso o acesso aos trabalhos originais, que se encrespam de uma terminologia cada vez técnica. É inegável: encontra-se grande dificuldade para ler os estudos dos capitalistas, mas ainda mais para compreender as suas preocupações. A que visam e que fazem com esse algo que é o patrimônio de todos os homens e não cessa de atrair a sua curiosidade: o dinheiro? Tem-se a impressão de que, para os capitalistas de hoje, os fatos do capital se transmudam em abstrações, se tornam nos materiais inumanos de construções algébricas ou servem de argumentos a discussões áridas sobre método, e de que o capitalismo se afasta das realidades do capital e se isola das outras ciências humanas. Ora, é exatamente o contrário. Comprova-se, ao mesmo tempo, que esses métodos novos do capitalismo assumem o valor de exemplo e mesmo de modelo para outras disciplinas, que os problemas do capital interessam agora a especialidades muito diversas e cada vez mais numerosas e que uma corrente de pesquisas leva as ciências do homem a trabalhar dentro do mesmo espírito que anima os capitalistas. Assim, pois, talvez seja útil expor, tão simplesmente quanto possível dentro desse assunto difícil, como e por que o capitalismo se transformou assim, a partir dos seus inícios.

Começemos por observar que o capitalismo tem duplo objeto: é a ciência do capital e a ciência do dinheiro. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: o capital, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que o dinheiro, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É do dinheiro que se ocupa o capitalista e o capitalismo é em primeiro lugar a teoria do dinheiro; dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos do dinheiro têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão o capitalismo.

2. C. R. *Académie des inscriptions et belles-lettres*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1963.

As semelhanças entre a noção de linguagem, língua e a noção de capital e capitalismo aparentemente não são de hoje⁵ e me parecem se realizar de maneira absoluta com as criptomonedas. Ao comentar com Alexandre Nodari (Whatsapp, 2021) sobre a operação conceitual acima, ele me diz que Mark Shell, nos anos 1980, fez a mesma comparação. No livro *Money, language, and thought: literary and philosophic economies from the medieval to the modern era*, Shell (1983) estuda a fundo as relações entre a produção linguística e econômica ao revelar como o discurso tem respondido à dissociação do símbolo de algo característico do dinheiro, e como o desenvolvimento de moedas cada vez mais simbólicas tem envolvido mudanças no significado do significado. Não à toa em suas investigações sobre a era moderna, Shell aponta uma internalização significativa da forma econômica em Kant, Hegel e Heidegger, os, digamos, donos da razão, ou melhor, donos da razão livre e autônoma.

No nosso caso, aqui, para pensar o leite como língua é preciso tangenciar esse lugar do que é língua e linguagem e propor uma nova experiência conceitual de troca informacional. Tecnicamente o leite, em sua dinâmica específica, ou seja, no interior da experiência da espécie, se aproxima da formulação saussuriana de que “1) A língua se define como um código, entendendo-se com isso a correspondência entre ‘imagens’ e ‘conceitos’”; mas escapa quando Saussure arremata dizendo que “2) A língua é uma pura passividade. Sua posse coloca em ação as únicas faculdades ‘receptivas’ do espírito, antes de tudo à memória e que toda atividade ligada à linguagem pertence à fala” (Saussure, 2010, p. 80).

Tangenciar, sim, a noção de língua e linguagem para falar de leite como língua materna – e veja bem, esse materna não é em relação à mãe, mas à matéria (*materia* e *mater* em latim), que também é matéria do cuidado, matéria imanente, radicalmente imanente – é, também, reconhecer que nesse microcosmo de troca informacional – onde saliva e glândula se comunicam para produzir uma substância sob medida – não há nem passividade nem hierarquia. De certo modo essa cena,

⁵ Barthes (2001, p. 174) em “Saussure, o signo, a democracia” cita Valéry: “o comércio, a linguagem, a moeda e o direito são definidos por um mesmo regime, o da reciprocidade: não podem manter-se sem um contrato social”. O signo como o dinheiro são convenções. O que se liga à noção essencial de arbitrário do signo em Saussure. A palavra mesa não se parece com a coisa mesa, mas também não a substitui.

esse recorte, o que está nessa moldura nos diz, de modo muito transparente, que a expressão do leite é simpática,⁶ no sentido do jogo das simpatias de Foucault, à “outra *oikonomia*” pensada e proposta por Mariana Pimentel, também a partir de Foucault, mas transformando por dentro do modelo moderno de comunidade, recompondo os laços comunitários que foram rompidos pelo modelo biopolítico da governança da vida e dos corpos que nos ensinou a desejar existir como autônomos e livres. E não só isso, essa dinâmica microcós mica e celular entre vírus e anticorpos, por exemplo, tanto no seio da experiência do leite quanto dentro da experiência imunológica, se dá menos dentro de um imaginário de guerra falocêntrico [os vírus invasores x os exércitos de anticorpos] e muito mais dentro de uma dinâmica política de trocas, espelhamentos, conversas e pequenas negociações, como provou o prêmio Nobel James Niels no início dos anos 1970: os processos antígenos, imunológicos, são mais sobre desejo e criação de redes e menos sobre metáforas de guerra.

Aqui, pensar o leite como língua, como língua-mãe, é também entender que ao parar e olhar para a dinâmica do leite, nessa pausa forçada do corpo que amamenta, o estalo do tempo descompassado consegue descortinar que nessa matéria leite está contida toda uma dinâmica comunitária entre bactérias, vírus, anticorpos, açúcares, gorduras e proteínas que são simpáticas à própria vida se pensada fora da noção de trabalho, de liberdade, de autonomia e de capital. Não existe autonomia nem na dinâmica da língua-láctea, nem na experiência da vida ela mesma: somos todos dependentes uns dos outros em certa medida. O mesmo Alexandre Nodari diz que “a língua (linguagem) não é algo de que dispomos, mas algo que dispõe de nós... hospitalidade cósmica”. A perspectiva humanista contida nas afirmações de que a linguagem comporta uma dimensão de falta não condiz com a realidade comunicacional das coisas, do leite e da própria linguagem. Se a

⁶ A simpatia é uma instância do Mesmo tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de assimilar, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade – de torná-las, pois, estranhas ao que eram. A simpatia transforma. Altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do Mesmo: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único ímã (cf Foucault, 2000, p. 33).

psicanálise⁷ [lacaniana, em especial, que privilegia a dimensão da falta] fugiu da matéria, uma perspectiva feminista se faz necessária. Como diria Donna Haraway (1990, p. 54, tradução minha) citando Ruth Hubbard, “A antítese homem-natureza foi inventada pelos homens. Nosso trabalho é reinventar uma relação que realizará (no sentido literal de tornar real) a unidade da humanidade com a natureza e tentará compreender seu funcionamento por dentro”.

Mas então, não seria mais interessante dizer que leite é outra coisa em vez de afirmar que leite se constitui física e metafisicamente como língua/linguagem, dada a problemática definição do conceito de linguagem no curso da história? Posso afirmar que não! Bater firme o pé no chão para dizer que, sim, leite é língua, é linguagem e não é à toa, é uma afirmação política, uma apropriação feminista do que poderia ser o conceito de linguagem e uma transformação desse conceito por meio de outro olhar sobre sua dinâmica. Assim como linguagem já se mostrou por A + B não ser uma excepcionalidade humana, leite também não é uma excepcionalidade mamífera, nem símbolo uma excepcionalidade da linguagem. Há muito o que se percorrer dentro das categorias taxonômicas que dispõem dos nossos corpos no mundo e também há muito que se pensar coletivamente para reescrever essas e outras histórias que precisam ser recontadas.

⁷ A falta do objeto de que fala a psicanálise é a falta da mãe, substituída pela linguagem. Freud fala isso em muitos lugares, por exemplo nos Três ensaios sobre teoria da sexualidade: a sexualidade surge “apoiada” (conceito essencial para Freud) na função vital, o amor nasce da fome, nasce “apoiado” na fome, é análogo à fome. O modelo do objeto sexual é o seio da mãe que não é sexual, mas que é funcional, esse é o “protótipo de toda relação de amor”. O início da satisfação sexual está relacionado à alimentação. Diz o relato que esse objeto parcial (conceito de Melanie Klein) é em seguida perdido no mesmo momento em que a criança forma uma ideia total de pessoa a quem pertence o órgão que lhe proporciona satisfação. Surge então o momento autoerótico, o polegar, a chupeta, como os primeiros substitutos (portanto modelos do símbolo) do peito da mãe. Freud: “O encontro de um objeto é de fato um reencontrá-lo”. A busca é impossível já que há um equívoco de fundo no projeto da busca: o objeto a ser redescoberto não é o objeto perdido, ele é um substituto por deslocamento. O objeto perdido é o objeto da função vital, a alimentação, a autopreservação, e o objeto que procuramos é outro. A sexualidade é um substituto do objeto da fome. O que explica a impossibilidade de encontrar esse objeto no final das contas. Explica-se assim o “fracasso” do amor, tema central da psicanálise. Procuramos (e reencontramos, sempre parcialmente) um objeto reconstruído, semelhante, apoiado, ao objeto funcional, o peito, o leite. O objeto é assim fundamentalmente um objeto perdido, faltante. Não à toa na psicanálise encontramos um par perfeito para Saussure – o que explica a psicanálise lacaniana – e a importância de Saussure para todo o estruturalismo (Lévi-Strauss) etc. Todas imensas especulações em torno da linguagem humana, projetada sobre a sociedade.

No meu caso, nada como uma experimentação teórica feminista, ou pra acionar o termo de Mariana Pimentel, teórica-doméstica, para formular perguntas para a resposta “quanto mais minha filha fala, menos ela mama”, pois continuando com Haraway (1990, p. 82, tradução minha), “o feminismo é, em parte, um projeto de reconstrução da vida pública e dos significados públicos; o feminismo é, portanto, uma busca de novas histórias e, portanto, de uma linguagem que denomina uma nova visão de possibilidades e limites”.

Me interessa muito mais pensar sobre o fato de que tudo aquilo que vive é dotado de linguagem e que, portanto, as operações simbólicas estão no espectro de movimentos referentes àquilo que diz ou que consegue enunciar “estou viva”.

“A palavra cão não morde”, mas pode vir a morder.



Cecilia Cavalieri é artista visual, pesquisadora cosmotransfeminista e mãe suficientemente boa. Mestre em artes visuais [PPGArtes/Uerj] e doutoranda em linguagens visuais [PPGAV/UFRJ] com estágio doutoral no laboratório de Sociologia e Filosofia Política da Université Paris-Nanterre [SOPHIAPOL].

Referências

- BARTHES, Roland. *Aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*, I. Campinas: Pontes, 2005 [1958].
- CÂMARA, Leandro Calbente. *A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2018
- DE WAAL, Frans. *Are we smart enough to know how smart animals are?* London: Norton, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HARAWAY, Donna J. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. Abingdon: Routledge, 1990.
- MOOSSAVI, Shirin et al. Composition and variation of the human milk microbiota are influenced by maternal and early-life factors. *Cell Host & Microbe*, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 324-335, fev. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chom.2019.01.011>. Acesso em 4 dez. 2019.
- Pastoral da criança. Composição do leite materno. 2018. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/amamentacao/composicao-do-leite-materno>. Acesso em 4 dez. 2019.
- REISMAN Tamar; GOLDSTEIN, Zil. Case report: induced lactation in a transgender woman. *Transgender Health*, v. 3, n. 1, p. 24-26, 2017. DOI: 10.1089/trgh.2017.0044.
- SANTOS, Rayra Pereira Buriti et al. Importância do colostro para saúde do recém-nascido. *Revista de Enfermagem*, Recife, 11 (supl. 9), p. 3516-3522, 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.
- SHELL, Marc. Money, language, and thought: literary and philosophic economies from the medieval to the modern era. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.
- SMITH, Virginia L.; GERBER, Sanford E. Infant feeding and phonologic development. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 41-49, dez. 1993. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/0165-5876\(93\)90145-s](http://dx.doi.org/10.1016/0165-5876(93)90145-s). Acesso em 4 dez. 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo em O antiNarciso: lugar e função da antropologia no mundo contemporâneo. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0486-641X2010000400002. Acesso em 4 dez. 2019.

Artigo submetido em setembro de 2021 e aprovado em novembro de 2021.

Como citar:

CAVALIERI, Cecília. Matéria e antimatéria, linguagem, leite, capital. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 42, p. 281-300, jul.-dez. 2021. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n42.20>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.